

**ONDE ESTÁ A FELICIDADE? UMA INTERPRETAÇÃO DE DOIS CONTOS DE  
*UMA IDEIA TODA AZUL*, DE MARINA COLASANTI**

Gilmara Evangelista de JESUS<sup>1</sup>

Jaqueline Ribeiro BARBOSA<sup>2</sup>

Jane Adriane GANDRA<sup>3</sup>

**RESUMO:** O referido artigo objetiva analisar qual o sentido da felicidade e como este tema vai ser abordado no livro de contos *Uma ideia toda azul*, de Marina Colasanti. Dessa forma, serão analisadas a dinâmica da estória em relação ao conceito de felicidade e as artimanhas que os personagens, reis e princesas, fazem para conquistá-la. No plano de expressão, focalizaremos os elementos para textuais que ajudam, a nosso ver, no reforço da ideia sobre felicidade. Para tanto, analisaremos os elementos gráficos do livro: capa, título do livro, distribuição dos contos na página, desenhos, tipologia das letras, etc. Esclarecemos, ainda, que a delimitação do *corpus* será baseada em dois contos de um universo total de dez contos curtos.

**Palavras-chaves:** *Uma ideia toda azul*. Marina Colasanti. Conceito de Felicidade. Conto de Fadas. Literatura infanto-juvenil.

**ABSTRACT:** The above article aims to analyze what the meaning of happiness is and how this issue is addressed in the book of short stories *Uma ideia toda azul* of Marina Colasanti. Thus, it will be analyzed the story dynamic in relation to the concept of happiness and tricks that the characters, kings and princesses, do to earn it. In the expression plan, we will focus the par textual elements that help, in our view, strengthening the idea of happiness. We will analyze the graphics elements of the book: cover, book title, distribution of short stories on the page, drawings, type letters, etc. We also clarify that the delimitation of the corpus will be based on two short stories from a total universe of ten short stories.

**Keywords:** *Uma ideia toda azul*. Marina Colasanti. Concept of Happiness. Fairy tale. Children's literature.

---

<sup>1</sup> Acadêmica da Especialização *Lato Sensu* em Estudos Literários da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Posse. E-mail: japinhaa\_girl@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica da Especialização *Lato Sensu* em Estudos Literários da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Posse. E-mail: jackggg.ribeiro@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora deste artigo e Professora Doutora da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Posse. E-mail: jaggandra@ig.com.br.

## MARINA COLASANTI E A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

O surgimento da Literatura infanto-juvenil no Brasil se deu em meados do século XIX, um pouco tardio, devido à fase de transição da monarquia para república. Com a reforma política, a literatura ganhou mais foro junto à sociedade, pois por meio dela as pessoas tinham acesso ao conhecimento e à cultura. Assim, como os outros gêneros literários, o infanto-juvenil foi extraído da cultura estrangeira, com adaptações e traduções no intuito de suprir a carência de escritores brasileiros na área da literatura infantil. Somente a partir do Pré-modernismo, surge no cenário literário-cultural o primeiro e notável nome, Monteiro Lobato. Vale dizer que embora suas obras tenham sido escritas no início do século XX, até hoje, despertam o interesse e encantam crianças e jovens.

A partir das criativas e fantasiosas histórias de Monteiro Lobato, outros escritores tiveram um olhar mais atento para a formação da literatura infanto-juvenil brasileira. Apesar de estes terem estilos e estratégias de escrita diferentes, as suas intenções eram as mesmas, encantar e educar o público por meio de histórias que explorassem o lúdico, o imaginário, o fantástico, o maravilhoso e o estranho.

O modo pelo qual os contos de fada resolvem esses conflitos é oferecendo às crianças um palco onde elas podem representar seus conflitos interiores. As crianças, quando ouvem um conto de fada, projetam inconscientemente partes delas mesmas em vários personagens da história, usando-os como repositórios psicológicos para elementos contraditórios do eu (CASHDAN, 2000, p. 31).

Dessa maneira, esses elementos ajudam a despertar na criança vários sentimentos, descobertas, conhecimentos e projeções sobre a sua personalidade, que está em formação.

A galeria de escritores direcionados ao público infantil é extensa, mas alguns nomes foram essenciais para a sua consolidação, embora seja ainda recente a sua história. Além do iniciador da literatura infantil brasileira, outros autores destacam-se nesta lista célebre, são eles: Ziraldo, Maurício de Sousa, Ruth Rocha, Ana Maria Machado e Marina Colasanti.

Sobre esta última escritora, interessa-nos em especial, pois ela é autora do livro de contos *Uma ideia toda azul*, objeto de análise deste artigo. Marina Colasanti nasceu na Etiópia em 26 de setembro de 1937. Morou pouco tempo na Líbia e na Itália, e ainda menina veio para o Brasil. Estudou Belas Artes, foi tradutora, cronista, ilustradora, jornalista. Trabalhou ainda na televisão como apresentadora e roteirista. Simultaneamente atuando nesses ofícios, começou a escrever

contos, poesia, novelas, ensaios, crônicas. Contudo, sua predileção parece ser as narrativas breves que usam os elementos próprios dos contos de fadas, como reis e princesas, para penetrar no campo do inconsciente do leitor. Sobre isso, Marina Colasanti, citada por Gilda Lopez, afirma que busca trabalhar na literatura “aquela coisa inconsciente intemporal chamada inconsciente” (COLASSANTI, 1979 *apud* LOPEZ, 2009, p.412). Nesse sentido, ela tenta se aproveitar do mundo da fantasia para revelar acontecimentos, situações e sentimentos do mundo real. A autora ainda revela que o livro, aqui analisado, não foi escrito diretamente para um certo tipo de público nem para uma determinada idade. Ela ressalta que a escolha da temática e as sensações e emoções provocadas em sua literatura, não há distinção de idade ou história.

Não há, para as emoções, idade ou história. Nem eu, ao tentar escrevê-las, quis me dirigir a pessoas deste ou daquele tamanho. Preocupei-me apenas em erguer estas construções simbólicas, certo de que o material com que lidava era imemorial (COLASANTI, 1979, s.p).

Nesse sentido, ela trata com sutileza e fantasia sobre os anseios, vícios e virtudes do homem em geral.

Autora de um universo de mais de 40 livros, é possível destacar dentre estes alguns títulos: *E por falar em amor*; *Leopardo é um animal delicado*, *Contos de amor rasgados*; *Intimidade pública*, *Doze reis e a moça do labirinto de vento* e *Uma ideia toda azul*.

O estilo de narrar de Colasanti é bem particular, pois ela privilegia a falta de traços bem definidos de tempo e espaço, não havendo data definida, um tempo cronológico que marque, inicie ou encerre os contos. Nesse caso, a estória é intemporal se encaixaria a qualquer indivíduo em qualquer tempo. Para Vera Maria Tietzmann Silva, a obra de Colasanti aborda "o insólito das situações descritas; o tempo e o espaço pouco definidos; o aproveitamento do substrato cultural mítico, literário e folclórico; e a possibilidade de uma leitura crítica e/ou alegórica, a partir da utilização de imagens simbólicas" (SILVA, 1994, p.157). Podemos acrescentar também a temática existencial propiciadora de significados capazes de levar o leitor a compreender o sentido do mundo.

## **CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS DO CONTO DE FADAS**

*Uma ideia toda azul* é um conto de fadas porque a escritora tem esse interesse de escrever sem se preocupar em destacar uma moral ou ensinamento. Nesses termos, isso ficaria implícito, diferentemente como ocorre nas fábulas em que a moralidade é explícita. Outra distinção é que, nos contos de fadas, há a presença de animais e seres fantasiosos como fadas,

duendes, magos, príncipes, reis, princesas, que juntamente com o ser humano, dialogam como se pertencessem a mesma espécie ou a mesmos mundos. No entanto, como já dito, o seu caráter didático é implícito, exigindo do leitor uma maior capacidade de compreensão e raciocínio. Assim, concluímos que os contos de fadas, como composição literária, tornam atual e reinterpretam temas relacionados aos conflitos humanos e à formação de valores, representados por meio de um mundo ao mesmo tempo real e fantasioso.

Nos contos de fadas, há ainda a presença de elementos de caráter fantástico e maravilhoso. Para saber se no texto há o elemento fantástico, é imprescindível contrapô-lo à realidade, pois é a partir desse ambiente, que se pode distinguir o real do sobrenatural. A literatura fantástica distorce a realidade, estremecendo as barreiras do que poderia ser possível. Para Emílio Carilla,

[...] é evidente que, sob a denominação de literatura fantástica, abarcamos um mundo que toca, em especial, o maravilhoso, o extraordinário, o sobrenatural, o inexplicável. Em outras palavras, ao mundo fantástico pertence aquilo que escapa de ou está nos limites da explicação científica e realista; aquilo que está fora do mundo circundante e demonstrável (CARILLA, 1968, p.20).

Por outro lado, o maravilhoso baseia-se na perspectiva de não surpreender o leitor. Seu universo é coerente com texto tratado, o faz-de-conta apresentado torna-se natural. Tzevan Torodov enfatiza a particularidade do maravilhoso da seguinte maneira.

Relaciona-se geralmente o gênero maravilhoso ao do conto de fadas; de fato, o conto de fadas não é senão uma das variedades do maravilho e aos acontecimentos sobrenaturais aí não provocam qualquer surpresa: nem o sono de cem anos, nemo lobo que fala, nem os dons mágicos das fadas (TODOROV, 1975, p.60).

Assim nos contos de fadas, o maravilhoso pode ser confirmado quando surgem dragões, unicôrnios, fadas, varinhas de condão, milagres, animais que falam. Já na literatura fantástica, o sobrenatural certifica-se se houver vampiros, mortos-vivos, delírios do protagonista, fantasmas, partes de corpos que adquirem vida própria e outros temas horripilantes. É certo que pode haver a ocorrência de tendência maravilhosa e fantástica, como no conto “Por duas asas de veludo”, mas sempre haverá a sobreposição de um sobre o outro.

Concluindo o assunto, no livro analisado a presença predominante de elementos do maravilhoso. Isso pode ser exemplificado com passagens nos dez contos, mas reforçaremos apenas algumas, como o aparecimento de reis e princesas no papel de protagonistas das histórias

desse livro infantil; um unicórnio que se apaixona por uma princesa<sup>4</sup>no conto “Um espinho de Marfim” ou o gnomo esperto e amigo em “As notícias e mel”.

A parte gráfica da obra *Uma ideia toda azul* é bem significativa, porque o livro é pintado pela cor nanquim e azul. Modesto Farina ressalta que “a cor é a alma do design e está particularmente arraigada nas emoções humanas” (FARINA, 2006, p.127). A cor azul, por exemplo, representaria o atraente, além de simbolizar a beleza, a verdade e os sonhos. Na capa analisada, o azul estaria relacionado à frieza, tristeza e solidão dos personagens.

As cores influenciam a vida das pessoas tanto no caráter fisiológico quanto psicológico. Proporcionam alegria, tristeza, exaltação ou depressão, calor-frio, equilíbrio-desequilíbrio, ordem-desordem. Se as cores são “positivas” e combinadas, a reação também será positiva (FARINA, 2006, p.18).

Os protagonistas desses dois contos analisados, ao serem pintados pela cor nanquim, reforçam a ideia de suas tristezas por pertencerem a um mundo sombrio e sem cor. Eles estão sempre cabisbaixos, demonstrando muita melancolia.

É importante comentar ainda que, nestas figuras pintadas, há objetos que denotam o sentido de liberdade, como pipa e tesouras. Mas, por outro lado, há a presença de novelos de linhas, teia de aranha e torre de castelo que denotam um mundo de aprisionamentos, quase sempre, criados pelo próprio ser. Sobre as imagens presentes no livro infantil, Sophie Van der Linden afirma que “o desenvolvimento dos procedimentos de impressão possibilita que obras reunindo caracteres tipográficos e imagens na mesma página se multipliquem nesse mesmo período [...]” (VAN DERLINDEN, 2011, p.13). Pensando sobre este aspecto, o desenho ganha ainda mais sentido quando o leitor compara a imagem com elementos da estrutura interna do texto, possibilitando ao leitor exercitar a sensibilidade dos sentidos. Assim, o texto seja apresentado na expressão verbal ou não verbal tem a intenção de comunicar, convencer, e entreter.

Consideramos que essa arte do livro reforça a ideia de que, embora os personagens sejam todos príncipes e princesas, tenham o reino aos seus pés, seus mundos são tristes e

---

<sup>4</sup> No enredo desse conto, o unicórnio observa atentamente a cada ação rotineira da princesa, o pai dela, um dia então percebe o olhar encantado do unicórnio para com a princesa e resolve assim caçá-lo e capturá-lo de qualquer forma. No entanto, nessa tentativa fracassada, a filha prometeu-lhe presentear o unicórnio em até três noites. Ao encontrá-lo apaixonado-se perdidamente pelo animal, esse desejo deixa-a cega e ela se esquece de cumprir a promessa ao seu pai. Há um conflito entre a obrigação e o desejo, o que culmina em desfecho trágico com as mortes de ambos, unicórnio e princesa, está se transformou em rosa de sangue, aquele em feixe de lírios.

sombrios. São pessoas extremamente solitárias e incompletas, que estão numa busca incessante pela felicidade. Nas páginas do livro em estudo, os desenhos têm sempre um sombreamento, criando um cenário melancólico. As personagens são desenhadas sempre cabisbaixas, numa expressão de tristeza e solidão.

Já o azul representaria o caminho do infinito, o mundo dos sonhos, o inconsciente. Segundo Jean Chevalier e Alan Geerbrant (2003), a cor azul significaria:

[...] onde o real se transforma em imaginário. Acaso não é o azul a cor do pássaro da felicidade, o pássaro azul, incessível embora tão próximo? Entrar no azul é um pouco fazer como *Alice no País das Maravilhas*: passar para o outro lado do espelho. (CHEVALIER; GEERBRANT, 2003, p. 107).

Nos contos de Marina Colasanti, às vezes, os personagens principais sofrem algum tipo de perseguição ou proibição. No conto “Sete<sup>5</sup> Anos Mais Sete”, o rei ao ver sua filha apaixonada por um príncipe de um reino pobre, resolve proibir este amor, aprisionando-a numa torre.

Deitaram a moça numa cama enorme, num quarto enorme, dentro de outro quarto enorme, onde se chegava por um corredor enorme. Sete portas enormes escondiam a entrada pequena do corredor. Cavaram sete fossos ao redor do castelo. Plantaram sete trepadeiras nos sete cantos do castelo e puseram sete guardas (COLASANTI, 1979, p. 54).

Então, o príncipe, sabendo do que tinha acontecido com a princesa, resolveu encarcerar-se, pois somente assim ambos conseguiriam encontrar a felicidade no plano do sonho.

Concluindo esta parte, os contos do livro em análise sempre procuram resolver à problemática existente desde o início da história. Diferente do contos de fada tradicional, em que há um final feliz que se realiza de alguma forma, nos de Marina Colasanti não. Ambos os contos, seus protagonistas morreram ou se tornaram infelizes para sempre.

### **UMA IDEIA TODA AZUL: ONDE ESTÁ A FELICIDADE?**

Todos os contos deste livro são narrados em terceira pessoa. A autora utiliza uma alegoria para desenvolver a temática da solidão do personagem que ambiciona ser feliz. Por

---

<sup>5</sup> Pimenta, s.d, s.p. O número sete é considerado um número mágico, representa também a totalidade de vida moral representada pelas 3 virtudes- fé, esperança e caridade e pela 4 quatro virtudes cardeais, prudência, temperança justiça e força, pois  $3 + 4 = 7$ . Temos no cotidiano sete dias da semana, sete cores do arco íris, sete pecados capitais. Portanto o número sete representa a totalidade do universo em movimento.

exemplo, “Por duas asas de veludo”, a princesa tinha tudo, por ser a filha do rei, mas ao mesmo tempo não tinha nada, pois vivia numa imensa solidão. Resolveu então aprisionar o maior número de borboletas: “[...] não se contentava com as que já tinha, caixas e caixas de vidro em todos os aposentos do palácio. Queria outras. Queria mais. Queria todas” (COLASANTI, 1979, p. 21).

O enredo do conto, “Por duas asas de veludo”, centra-se na realização de uma satisfação e capricho de uma princesa. Todos os dias, ela saía à procura de borboletas e “não se contentava com as que já tinha, caixas e caixas de vidro em todos os aposentos do palácio. Queria outras. Queria mais. Queria todas”, (IDEM, p.

21). A personagem principal do conto é uma princesa caçadora de borboletas, que ambicionou aprisionar a mais bela de todas. As várias tentativas em pegá-la acabam se transformando numa ideia fixa. O desfecho desta estória, que sofre a influência do maravilhoso, está no momento em que ela se transforma num cisne, deixando para trás toda uma vida de capricho e egoísmo.

É necessário ainda saber que o significado da borboleta anuncia uma visita ou a morte de uma pessoa próxima, conforme o *dicionário dos símbolos*, de Jean Chevalier. Isto quer dizer no conto, que existiria uma certa antecipação do desfecho, anunciado pela autora, quando coloca a princesa para caçar borboletas, que são negras.

Além disso, a princesa deste contos de fada, de nada se aproxima daquela dos contos de fadas tradicionais, como a plena imagem de delicadeza e passividade. Assim, se nos contos de fadas, elas são sempre virtuosas, aqui elas apresentam sentimentos como inveja, ambição, rancor e egoísmo.

O mesmo se percebe no conto “Uma Ideia Toda Azul”, em que seus temas tratados são a ideia fixa, tristeza e solidão do personagem central. A escritora assim faz uma crítica à tentativa do seres humanos de preencherem seu próprio vazio, seus anseios e suas infelicidades, possuindo um outro ser, fazendo assim que a sua felicidade dependesse totalmente do outro ou de um objeto.

O enredo desse conto discute o conceito de felicidade e de qual o momento certo para desfrutá-la. Por exemplo, nessa estória, o rei que tomou para si uma ideia como amiga, cúmplice e companheira. Escondendo de todos a manteve enclausurada para que ninguém a olhasse, pois

temia que alguém roubasse sua alegria: “Com a ideia escondida debaixo do manto, o Rei voltou para o castelo. Esperou a noite. Quando todos os olhos se fecharam” (COLASANTI, 1979, *Uma ideia toda azul*, p.32).

No entanto, depois de alguns anos quando o rei achou que não haveria mais perigo, resolveu então, libertar a amiga, mas agora ele estava velho demais para brincar com ela. Assim não sobrou outra alternativa do que trancafiá-la novamente. “O rei deitou a ideia adormecida na cama de marfim, baixou o cortinado, saiu e trancou a porta.” (IDEM, p.33). O egoísmo do rei ao aprisionar a ideia no mundo do sono indica-nos que, para a autora, a felicidade só é realizável no mundo dos sonhos.

Outra questão é o emprego das cores. Destacamos como exemplo o rei, protagonista desse conto, que era muito infeliz e melancólico. Os tons de nanquim, que dão um forte sombreamento ao desenho deste personagem, parecem ter sido utilizados como tentativa de avisar ao leitor da profunda solidão em que o rei vivia.

O desfecho dessa narrativa evidencia que a obsessão e o egoísmo levam o rei à solidão e, conseqüentemente, à infelicidade. Com a incompatibilidade de mundos e a diferença de idade não restava mais nada entre os dois, rei e ideia. “Como naquele dia, jovem, tão jovem, uma ideia menina. E linda. Mas o rei não era mais o Rei daquele dia. Entre ele e a ideia estava todo o tempo passado lá fora, o tempo todo parado na Sala do Sono” (IDEM, p.33-34). Assim os personagens continuam infelizes, porque acreditam que possuir alguém ou um objeto é que traz felicidade.

## CONCLUSÃO

Desde que o mundo é mundo, há uma verdadeira corrida em busca da felicidade. Nessa insatisfação do homem, ele tenta preencher acumulando bens materiais, como carro, casas e dinheiro na tentativa que essas coisas lhe propiciem a felicidade. Contudo, a verdadeira felicidade se encontra nos pequenos gestos, de maneira despretensiosa, pelo simples fato de ser capaz de fazer e ver o outro feliz. Contudo, a felicidade é momentânea, ou seja, ela não é eterna, ela se faz da reunião de momentos, que estão aí para serem vividos e aproveitados, pois infelizmente a vida é passageira. Muitos deixam de viver verdadeiramente, como o rei de “Uma ideia toda azul”, esperando o momento certo, seja para casar, viajar, ter filhos, encontrar um grande amor, etc. Assim passam parte da vida infelizes, vivendo um vazio.

A intenção da escritora por meio de seu livro de contos parece se revelar que essa necessidade do homem em conquistar a felicidade duradoura e infinita é um engano e uma utopia. A única certeza que há, no mundo real, é a de que a felicidade é passageira, pois os sentimentos de egoísmo, vaidade e indiferença pelo outro impedem que o indivíduo reconheça o verdadeiro sentido da felicidade.

## REFERÊNCIAS

CARILLA, Emilio. **El cuento fantástico**. Buenos Aires: Nova, 1968, p.20

CASHDAN, Sheldon. **Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas**. Rio de Janeiro:Campus, 2000. P.31

CHEVALIER, Jean; GEERBRANT,Alain. **Dicionário de símbolos**.18.ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2003.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edgar Blucher, 2006.

LOPES, Gilda Teresa Contreras. As fadas voltam: uma ideia toda azuk. In: **CELLI – COLOQUI DE ESTUDOS LINGUISTICOS E LITERÁRIOS**.3, 2007, Maringá Anais... Maringá, 2009, p.411-421.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Marina Colsanti. **A viagem para dentro**. In:\_\_\_ Literatura infanto-juvenil: Seis autores, seis estudos. Goiania: Ed. UFG, 1994, p.155174

TODOROV,Tzetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perpectiva, 1975.

VAN DER LINDEN, Sophie. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução de: Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.